

ATA DA REUNIÃO DO CONSELHO DE GRUPOS INTEGRADOS DA ALIANÇA ESPÍRITA EVANGÉLICA

1. Data, hora e local: 19 de março de 2016, às 14h00, EMEF Celso Leite Ribeiro Filho – Rua Humaitá, 480 – Bela Vista – CEP: 01321-010 – São Paulo/SP.

2. Direção da reunião: Guidini (Casa Conselheira Hovsana Krikor – SP Norte), equipes de apoio (EAE grupos a distância e Evangelização Infantil) e Diretoria da Aliança.

3. Ordem do Dia: 1) Retomada das propostas das Equipes de Apoio que apresentaram na reunião de dezembro/2015; 2) Apresentação do plano de ação da equipe de Evangelização Infantil; 3) Apresentação do plano de ação da equipe EAE Grupos a Distância; 4) Retomada do programa de visitas das Casas Conselheiras; 5) Informes da diretoria; 6) Encerramento da reunião.

4. Verificação de Presença: Eduardo (Diretoria) conduziu a verificação de presença dos grupos integrados. Não houveram ausências dos grupos integrados. No início, o representante do CEAE Manchester (Dagmar) não estava presente, pois havia se deslocado para acompanhar a coordenadora da regional Piracicaba, no hospital, em um uma situação ocorrida na manhã de sábado. O CGI (Conselho dos Grupos Integrados) votou por confirmar a presença do CEAE Manchester.

5. Sumário dos Fatos e Deliberações:

Abertura: Após a prece de abertura, foi realizada a verificação de presença. Eduardo (Diretoria) iniciou o assunto. Treze pessoas levantaram a mão por serem a primeira vez que participam da reunião do CGI e muitos deles também eram os únicos representantes da Casa Conselheira na reunião. Explicou que o CGI, desde 2015, iniciou um planejamento de três anos. O primeiro ano compreende o levantamento da situação atual (junto as equipes de apoio), o segundo seria a realização das atividades propostas, em conjunto com o CGI, e o terceiro para verificação da conclusão das atividades. Assim

1º assunto: Guidini (Hovsana Krikor) iniciou o assunto lembrando a importância do CGI construir uma pauta espiritual para discussão. Cristina (SP Oeste – Diretoria) iniciou a reunião com a leitura de um trecho do “Guia do Aprendiz”. Guidini (Hovsana Krikor) pontuou sobre o distanciamento entre a EAE e a Mediunidade e fez um convite aos conselheiros para a criação de um grupo de discussão sobre este assunto, e, quando já mais avançado, que o assunto talvez pudesse ser colocado para ser conversado no CGI. Ficou de ratificar o convite ao CGI através de um e-mail convite.

FDJ – Denis (Sorocaba – FDJ) retomou o que foi apresentado na última reunião, relembrando os pontos principais que eram o Cadastro da FDJ e a aproximação entre EAE e FDJ. Em relação ao Cadastro da FDJ, o objetivo é recuperar alguns dados e atualizar informações sobre os discípulos. Enxerga-se como benefício, por exemplo, a manutenção do contato constante com os discípulos (exemplificou com um caso ocorrido em Cuiabá, no qual uma situação jurídica poderia receber auxílio de algum discípulo que, por formação profissional, pudesse ajudar). Em relação a aproximação da EAE e FDJ, lembrar que uma atividade depende da outra, uma não vive sem a outra e muitas vezes tratamos as coisas de forma separada. Olhando pelo aspecto de iniciação, não deveria ser assim. Enxerga-se como benefício a integração entre as equipes, compromisso dos discípulos em apoiar as Escolas, ampliar o ambiente de fraternidade dentro das Escolas. Prepararam um plano de atividades e enviaram à equipe de EAE, para avaliarem e enviarem sugestões. São tópicos: sugerir a inclusão de uma coluna no programa de EAE com assuntos sobre a FDJ; criação de uma lista de referências bibliográficas sobre a FDJ; sugerir a implantação do estudo do Guia do Discípulo a partir da aula 94; sugerir que a aula sobre FDJ no curso de dirigentes de EAE seja realizado pelo coordenador de FDJ e sugerir encontros entre as coordenações de EAE e FDJ. Irão trabalhar ao longo de 2016. Marlene (SP Leste) diz que não entende a aproximação da EAE e FDJ sem a questão da Mediunidade, afirmando que o Curso de Médiuns é parte integrante do processo de Iniciação Espiritual.

Pré-Mocidade – Gisele (Minas Gerais) diz que houveram duas definições. Em 2016 ocorrerão mais cursos de dirigentes. Estão criando uma comissão para atender as regionais mais distantes, que não possuem voluntários capacitados para a aplicação do curso. A segunda é sobre a Apostila da Pré-Mocidade. Foi feito uma tabela que irá chegar (por meio dos coordenadores de Pré-Mocidade) a todos os dirigentes, com intuito de colherem informações. O preenchimento será até dezembro de 2016. O ano de 2017 será voltado para a compilação das informações, para que em 2018 realizem o lançamento do material. Entende que o CGI pode contribuir com a divulgação do trabalho, em relação a formação de dirigentes de Pré-Mocidade. Carlos (Paulo de Tarso)

pergunta se o trabalho que está sendo realizado pela equipe tem como intuito tornar a Pré-Mocidade uma atividade independente na casa, no sentido de não estar ligada a Evangelização Infantil ou a Mocidade? Gisele (Minas Gerais) explica que por dificuldades das casas para dirigentes de Pré, o trabalho acaba ficando junto a Mocidade ou ao Intermediário. Hoje as coisas estão mais organizadas e a equipe trabalha para suprir a necessidade dos dirigentes, que não tinham muitas informações. Pré-Mocidade deveria ser um trabalho igual aos demais, com dirigente e coordenador na casa espírita. Marlene (SP Leste) pontua que a Pré tem uma identidade própria. Muitos jovens vêm contribuir com o trabalho, no sentido de dar dinâmica a ele, mas entende que também precisam de dirigentes mais maduros. Andrea (CEAE Perdizes) relembra de quebrarmos o mito de que voluntários mais antigos não podem ajudar na Mocidade ou na Pré-Mocidade.

Mocidade – Eric (Mocidade) relembra que a Mocidade tem trabalhado no fortalecimento dos laços com a Pré-Mocidade e a Evangelização Infantil. O plano de ação está dividido em dois. O primeiro é sobre o Apoio ao Exterior, no sentido de fortalecer, apoiar e sustentar o trabalho de Mocidade fora do Brasil. No curto prazo, iniciaram a adaptação do programa de Mocidade para aulas no exterior, bem como aplicaram o primeiro curso de dirigentes de Mocidade em Cuba (para cerca de 50 voluntários). No médio prazo a proposta é finalizar a adaptação do programa. Além disso, foi dado suporte para a vinda de três argentinos para participar do Encontro Geral de Mocidades. Também iniciaram atividades para captação de recursos, com intuito de financiar atividades relacionados ao Apoio ao Exterior (visitas e viagens, por exemplo), com a venda de chaveiros e a ampliação da livraria, durante o Encontro Geral de Mocidades, pedindo apoio do CGI na divulgação destes materiais. No longo prazo, intuito é visitar a Argentina e realizar uma segunda visita a Cuba. Filippo (Mocidade) iniciou falando sobre a segunda parte do plano, que é sobre o Censo da Mocidade. Conseguiram uma quantidade muito boa em relação as respostas. Trabalho foi feito em três fases (a primeira era sobre o tamanho e abrangência do movimento, a segunda sobre a realidade das turmas e a qualificação dos dirigentes, e a terceira sobre pontos de vista dos alunos sobre diversas informações) e apenas não conseguiram informações das regionais Bahia-Ceará e Pernambuco-Alagoas. Será feita uma comparação do Censo da Mocidade com o Cadastro das Casas, pois percebem uma inconsistência de dados. Os coordenadores regionais de Mocidade receberam os dados do Censo e estão trabalhando em cima dos seus resultados. No médio prazo, estão trabalhando para terem representantes (de todas as regionais, principalmente as distantes) em todas as reuniões bimestrais que realizam, bem como na reavaliação do Curso de Dirigentes de Mocidade. No longo prazo tem como objetivo reavaliar o programa de Mocidade. Fizeram um paralelo entre um dos objetivos da Aliança, que é a Evangelização do Ser, com um dado levantado pelo Censo: 47% das casas (integradas e inscritas) não possuem Mocidade. Precisam da ajuda do CGI para chegar nas casas que ainda não tem Mocidade. Rufino (Nhocuné – SP Leste) pergunta se este dado de falta de turmas de Mocidade é por falta de recurso ou por falta de voluntários? Filippo (Mocidade) responde que normalmente é por falta de interesse da própria casa, que delega a falta da turma de Mocidade para que a regional possa criar uma solução. A melhor alternativa é a preparação de voluntários (oriundos da EAE, por exemplo) que tenham vontade e interesse de colaborar no trabalho, para que então a regional possa dar todo o suporte possível. Osmar (SP Oeste) pergunta sobre o material de divulgação do Apoio ao Exterior. Eric (Mocidade) explica que inicialmente estão focando nas atividades realizadas em Mocidade, para então depois abrir para os trabalhos. Filippo (Mocidade) propõe como ideia talvez utilizar um pequeno espaço nos Encontros dos Alunos de EAE que ocorrerão este ano para a venda destes itens. Rufino (Nhocuné – SP Leste) pergunta sobre o valor necessário para as iniciativas dos Apoio ao Exterior. Filippo (Mocidade) se propõe a levantar informações mais claras e concisas sobre os valores para viagens ao Exterior.

2º assunto: Filomena (Evangelização) iniciou informando que foi definido que a equipe de apoio da Evangelização Infantil (EI) são todos os coordenadores regionais de EI. Hoje nem todas as regionais ainda tem coordenadores deste trabalho, ou o coordenador é pouco ativo. Para formular o plano de ação, escutaram todos os coordenadores regionais de EI, sobre os desafios do trabalho, e escolheram para ser trabalhado no ano de 2016: melhorar o curso de formação de evangelizadores e verificar se o material de apoio necessita ser atualizado. Em relação ao curso, proposta é complementar e acrescentar o material, trazendo conteúdos mais atuais. Irão juntar as experiências das regionais, incluindo aulas de sensibilização para os futuros

evangelizadores. No primeiro semestre de 2016 será feito o levantamento dos cursos que são aplicados nas regionais. Luiz (SP Oeste) lembra que as regionais seguem o material, mas se aprofundam mais, melhorando os cursos. Proposta do plano é juntar estas iniciativas. No segundo semestre de 2016 será a sistematização das informações coletadas e em 2017 se iniciam as conversas para avaliação das melhorias. Filomena (Evangelização) lembra que a revisão do material de apoio continua em andamento. Gerson (CEME) pergunta como o CGI pode ajudar a EI? Filomena (Evangelização) responde que, para o coordenador regional não ficar sobrecarregado, poderiam ajudar informando quem são os voluntários que realizam os cursos em suas casas ou regionais. Gerson (CEME) diz entender que o caminho é o inverso, que a EI informe o CGI o que pode ser feito. A equipe de EI pede ajuda na busca de pessoas formadas na área da infância, agregando conhecimentos pedagógicos ao trabalho. Sandra (Evangelização) sugere que se aproveite as visitas nas casas que as Casas Conselheiras irão realizar, perguntando se há o trabalho de Evangelização Infantil e quem são as pessoas que realizam os cursos. Rufino (Nhocunê) pontua então que os conselheiros precisam de um checklist de coisas a serem feitas nas visitas, pois várias equipes de apoio têm solicitado demandas aos CGI. Acredita que isso é importante pois as vezes o ponto de vista do conselheiro é diferente do ponto de vista da equipe, e, com essa lista, todos estariam alinhados no que é necessário. Guidini (Hovsana Krikor) pondera sobre como trabalharmos juntos (equipes de apoio e CGI) podem solucionar as dificuldades, desde que esteja claro para ambas as partes o como um pode ajudar o outro. Vera Castilhos (Extremo Sul) lembra a discussão da Reunião dos Coordenadores Regionais e ressalta que os conselheiros precisam saber um pouco do movimento e um pouco das regionais, reforçando a necessidade de levantarmos informações sobre o movimento. Denis (FDJ – Sorocaba) lembra que o Censo necessita de participação da casa e propõe que alguns conselheiros possam colaborar nisso. Gerson (CEME) concorda, mas pontua que a proposta é ainda maior. Quando pergunta no que o CGI pode ajudar a EI, não está só falando de levantamento de dados, mas no contexto da equipe de apoio como um todo. Adalberto (Litoral Centro) compartilha que as aulas 48-A e 48-B da EAE tem sido utilizadas para se falar dos trabalhos nas casas. Com isso, a participação na Escola de Pais e EI tem aumentado. Luiz (SP Oeste) acredita que, quando a equipe tiver o formulário de dados pronto, poderão contar o suporte dos conselheiros. Rufino (Nhocunê) pontua novamente sobre saber quais são as informações que as equipes de apoio precisam para que, quando realizar visitas de apoio como Casa Conselheira, possa levantar estas informações. Todos os conselheiros validam a apresentação do plano de ação proposto pela EI. Guidini (Hovsana Krikor) sugere que a equipe possa trazer informações mais detalhadas e objetivas das necessidades para o plano de ação, na próxima reunião. Osmar (SP Oeste) sugere que os conselheiros possam receber estas informações com antecedência, para já chegarem na reunião com respostas. Há uma demanda, desde a reunião do CGI realizada em Cuiabá, para que estas informações cheguem antes. Rufino (Nhocunê) concorda e pede que a equipe de EI envie aos conselheiros, bem como outras demandas de outras equipes possam ser enviadas com antecedência. Ana Rosa (Centro-Oeste) compartilha que seria muito proveitoso se estas informações também chegassem com antecedência aos coordenadores regionais. Guidini (Hovsana Krikor) sugere que alguns conselheiros se reúnam antes da próxima reunião, para validar as informações que serão discutidas, como uma medida a ser tomada neste período de transição. Gerson (CEME), Osmar (SP Oeste), Walter (Minas Gerais), Maria Marta (SP Norte), Silvia (Hovsana Krikor) se colocaram a disposição. Rufino (Nhocunê) discorda, pontuando que a ideia é o envio das informações com antecedência, não que alguns conselheiros se reúnam antes da reunião para validar se as informações estão de acordo para serem apresentadas ou não. Guidini (Hovsana Krikor) finaliza informando que aqueles que se dispuseram a analisar estas informações com antecedência, caso recebam, o farão antes da próxima reunião.

3º assunto: Luiz Pizarro (Projeto Paulo de Tarso) lembrou o início das atividades de apoio as casas de Cuba, com a impressão de livros em espanhol para as casas da Argentina, mas que também foram levados para Cuba. No final dos anos 90, um grupo de discípulos preocupados com o trabalho EAE no tocante a qualidade de expositores e dirigentes, sentiram a deficiência de assuntos relacionados a Iniciação Espiritual. Após se debruçarem neste trabalho, foram desenvolvidos 24 artigos para o Trevo sobre o assunto (Iniciação Espiritual), de maio de 2009 a abril de 2011. Este período coincidiu com o início do trabalho em Cuba, sendo realizada a primeira caravana em janeiro de 2009. Em 2013, 92 discípulos ingressaram na FDJ, em 2014 foram 86 e em 2015 foram aproximadamente 40. Para dirigentes de EAE, a experiência da caravana em Cuba é marcante. A EAE Grupo a Distancia surgiu da necessidade de se desenvolver um modelo pois em Cuba não tem

expositores. Há um revezamento de atividades dentro do grupo (abertura, encerramento, etc). Para os primeiros grupos, não havia dirigentes. Assim, a cada três meses uma equipe de dirigentes vai a Cuba falar sobre conceitos de Iniciação Espiritual. O resultado é uma elevada taxa de aproveitamento das ferramentas. Já são três grupos que tem todos os programas da Aliança. Muitas dificuldades que temos no movimento poderiam ser sanadas pela devida atenção à EAE. Em Cuba, durante a EAE, os alunos vão sendo apresentados aos cursos, e, no segundo ano, todos têm a obrigação de trabalhar. Em relação as regras, no primeiro ano a tolerância a faltas é de 20%, sendo o mesmo critério para as vibrações coletivas. Em relação a caravanas, no primeiro ano serão três vezes, sendo que só segue no curso quem participar de no mínimo duas. São duas propostas principais, sendo a primeira a conclusão de todos os cursos de multiplicadores (pois hoje está faltando a Prémocidade), com conclusão prevista para 2016. Em segundo lugar, entrar no processo de passar a condução das atividades para os voluntários cubanos. A equipe ainda continuará dando apoio, já que surgem novas casas em muitas novas províncias. Lembrou que se fala bastante da experiência em Cuba na Escola de Continuada, que tem como objetivo o aprofundamento no estudo e na vivência. Dagmar (CEAE Manchester) pergunta a todos se a EAE de Cuba é diferente da nossa ou são todas iguais? Compartilhou um pouco de sua experiência e o trabalho de discípulo, que é o de levar o evangelho através das escolas. Cuba nos ensinou que não é necessária uma casa espírita para praticar a transformação interior. Com a experiência do Nordeste é a mesma coisa. Não temos casas espíritas, mas temos nós mesmos e podemos ir até lá e ajudar com o necessário. Luiz Pizarro (Projeto Paulo de Tarso) lembra da dúvida de como realizar o Curso de Médiuns sem dirigente. A princípio era impossível. Alguns voluntários então se debruçaram sobre o assunto e propuseram um modelo muito parecido ao de EAE, e que tem dado certo. Marlene (SP Leste) falou um pouco sobre o curso de médiuns, que foi montado de forma bem detalhada e acompanhada, inclusive na parte prática. Sente um apoio muito grande da espiritualidade para a condução do curso. Maria José (Litoral Centro) também dá seu testemunho de como a EAE Grupo a Distância funciona muito bem. Luiz Pizarro (Projeto Paulo de Tarso) pergunta ao CGI que melhorias podem ser aplicadas a este plano de ação? Ernani (Minas Gerais) pergunta se os dirigentes de EAE formados lá dirigem turmas presenciais iguais as nossas, ou também como estudo em grupo? Sandra (Evangelização) responde informando que é uma mescla, com os dirigentes assumindo alguns papéis e funções, mas também um coordenador, que pode ser um aluno, que ajuda na condução da aula. Maria José (Litoral Centro) complementa dizendo que estes dirigentes formados as vezes ainda apresentam algumas dificuldades e por isso ainda estão dando o apoio e suporte, para que então estejam plenamente aptos para aplicar a EAE da forma presencial. Osmar (SP Oeste) pergunta se o modelo do Curso de Médiuns pode ser aplicado também aos alunos da Escola a Distância, quando realizam no formato de grupo? Luiz Pizarro (Projeto Paulo de Tarso) relembra a parábola da prisão e ressalta a importância do processo de Iniciação Espiritual ocorrer em grupo. Para o Curso de Médiuns, deve-se iniciar com no mínimo 8 pessoas, pois, no decorrer do curso, a tendência é de cair bastante a quantidade de participantes. Assim, o modelo é aplicável sim à Escola a Distância, no formato de grupo. Gerson (CEME) pergunta se o envolvimento do grupo de apoio da EAE poderia ocorrer com mais antecedência do que está sendo apresentado no plano de ação, que é em 2017? Adalberto (Litoral Centro) responde que não há a necessidade de se aguardar até 2017. Guidini (Hovsana Krikor) pergunta o que faz com que a equipe acredite que o modelo seja aderente à cultura do Brasil? Denis (FDJ – Sorocaba) pontua que o processo de Iniciação é muito mais consciente por parte dos alunos que tem feito neste modelo, servindo também para nós nos analisarmos melhor como discípulos. Este é o maior benefício ao movimento. Guidini (Hovsana Krikor) diz que o movimento tem plena consciência da dificuldade de mobilização de dirigentes para encontros e reciclagens. Entende que o momento não é de fortalecer a experiência do modelo de EAE aplicado em Cuba, e sim fortalecer o modelo atual que temos aqui no Brasil, que tem sido a proposta da equipe de apoio a EAE. Denis (FDJ – Sorocaba) complementa sua fala, compartilhando sua experiência em Cuba. Entende a preocupação do Guidini, mas não vê diferença no programa, vê apenas que se passa a enxergar o programa de uma forma diferente. Relata que sugeriu a equipe de apoio a EAE que está revendo o programa, que conversasse com o a equipe de EAE Grupo a Distância pois muitas experiências de Cuba poderiam ajudar naquilo que estavam revisando. Adalberto (Litoral Centro) lembra que esta experiência faz parte do Projeto Paulo de Tarso, para aplicação onde não houver a possibilidade de um dirigente presencial, e que não é proposta alterar a forma com que a EAE já ocorre em nossas casas. Cristina (CEDJ Bela Vista) pede que seja explicado melhor o conceito de Escola Continuada. Sobre a apostila de Mediunidade preparada para a Cuba, relembra que iniciaram o trabalho pois as informações que foram passadas é que lá não havia nenhuma iniciativa de mediunidade parecida com a que desenvolvemos.

Pergunta à equipe de apoio se o plano de ação contempla também esta questão, que é o Curso de Médiuns sem dirigente? Lourdes (Sorocaba) conta que estava cética antes de ir à Cuba sobre o Curso de Médiuns sem dirigente, pois já dirigiu alguns cursos de forma presencial aqui no Brasil. Lá, conseguiu perceber o quanto a espiritualidade está presente, conduzindo e dando suporte a atividade. Assim, vê esta experiência como um novo instrumento de trabalho, e que dá certo. Luiz Pizarro (Projeto Paulo de Tarso) afirma que no modelo EAE em Cuba não há dicotomia entre EAE e os demais trabalhos, ou seja, todos eles têm como base a EAE, e por isso tem verificado bons resultados. Alessandra (SP Sul) diz que sempre ouvimos testemunhos das experiências em Cuba, mas efetivamente não conhecemos como funciona o modelo, pedindo a equipe para trazer o material para que seja analisado. Ana Rosa (Centro-Oeste) pontua que na regional já realizam um Curso de Médiuns a distância (já é a segunda vez) em Guarantã do Norte. Possuem um secretário e, em aulas determinadas, vão até o local para darem suporte ao grupo. Guidini (Hovsana Krikor) finaliza pedindo que a equipe aprofunde as questões levantadas na reunião e tragam na próxima.

4º assunto: Eduardo (Diretoria) inicia lembrando o papel do CGI de ajudar no desenvolvimento da Aliança, mantendo-a em sua direção. É o CGI que dirige a Aliança. Não há orientações externas do que deve ou não ser feito, mas sim, é o próprio CGI que deve definir o que fazer para continuar cumprindo com o seu papel. Faz uma comparação, colocando o papel da Diretoria como o de ser a secretária do CGI, lembrando de coisas que o próprio CGI avalia como importante. Das experiências que tem passando (como visitar as regionais, por exemplo), a Diretoria tem captado algumas boas práticas que seriam muito importantes para continuarmos a sentir a Aliança “viva”, a servir melhor e a nos assegurar a fazer um trabalho melhor, que são as visitas das casas conselheiras às demais casas e as visitas entre casas. Assim, a Diretoria voltou a organizar este trabalho de apoio (visita das casas conselheiras às demais casas da Aliança), ficando a critério do CGI a validação da continuidade ou não deste trabalho. A proposta é de dois anos, e iremos apurar os resultados em março de 2017 e em março de 2018 (quando se inicia a gestão do novo CGI). Foi feito um sorteio, levando-se em conta alguns pontos (evitar esforço extremo, como por exemplo uma casa da região Nordeste visitar uma casa do Rio Grande do Sul). Será um trabalho de planejamento, preparação e apresentação da casa conselheira. Pode-se iniciar com uma ligação telefônica, por exemplo, e então ficar à disposição dos grupos para apoiá-los durante os dois anos. Felipe (Secretaria) comentou sobre o material que os conselheiros receberam. Na folha, constam as divisões das visitas a serem realizadas por cada casa membro do CGI (com nome, endereço e contato da casa e seus representantes). Receberam também pequenos textos sobre o apoio através das visitas entre casas, sendo o primeiro de Edgard Armond, no livro “Mensagens e Instruções” (também disponível na última edição do “Vivência do Espiritismo Religioso”), e o segundo, tópicos que constam no “Manual da Casa Conselheira”. Receberam também um caderno para que possam registrar as visitas, como as conversas que ocorreram, dúvidas, questionamentos. Sugeriu também que possam ser registrados estes momentos com fotos, por exemplo, para posterior divulgação. Eduardo (Diretoria) retoma que, no dia seguinte, durante a AGI, todas as casas irão receber duas casas para serem visitadas, uma para cada ano (2016 e 2017), sendo que o sorteio teve como princípio que as casas que visitam e as visitadas fossem do mesmo Polo da RGA. Walter (Minas Gerais) pergunta sobre a quantidade total de casas a serem visitadas. Adalberto (Litoral Centro) pontua que a visita é da Casa Conselheira, não só do conselheiro. Eduardo (Diretoria) motiva a todos dizendo para iniciarmos fazendo a primeira visita, pois terá sido um grande passo. Sandra (Evangelização) lembra que além de visitar, é importante se aproximar das casas, mantendo contato com elas. Luiz Pizarro (Projeto Paulo de Tarso) ressalta a importância da construção de uma boa comunicação com as casas. Eduardo (Diretoria) finaliza dizendo que todos já podem começar esta semana mesmo, ligando para as casas sorteadas e conversando sobre o que foi discutido no CGI.

5º assunto:

Encontro de Alunos de EAE: Eduardo (Diretoria) lembra sobre o encontro, que foi combinado inicialmente na reunião do ano passado, na definição do calendário. Será feito no nível de regional, mas por toda a Aliança, sincronizando todas as regionais para o mês de maio de 2016. Algumas dúvidas surgiram sobre o encontro. A proposta do encontro é simples: alunos se encontrarem, se olharem olho-no-olho, cantarem junto a prece dos aprendizes, por exemplo. Que possam conversar sobre suas experiências (alunos no primeiro grau, no segundo

grau, como tem sido suas experiências com as ferramentas, como o caderno de temas e a caderneta). A Mocidade está disposta a ajudar. O mais importante do encontro, em relação a sua preparação, está mais em fazer com que ele ocorra. Osmar (SP Oeste) diz que a proposta abriu os olhos da coordenação para o panorama dos alunos de EAE da regional. Filippo (Mocidade) diz que a Mocidade se empenhou em ajudar pois tem conhecimento da realização de encontros periodicamente. Mesmo assim, propõe uma “troca de saberes”, ou seja, que as regionais possam aprender com esta experiência para que nos próximos anos continuem a fazer por conta própria, ao passo que será uma ótima oportunidade para voluntários da Mocidade terem um contato maior com a EAE. Será um benefício para ambos os trabalhos.

RGA: Marcos (RGA – Sorocaba) contou que fizeram uma reunião com as equipes dos coordenadores, na parte da manhã, avaliando a RGA 2016. Desafio deste ano foi aplicar os mesmos módulos da RGA centralizada na RGA descentralizada. A RGA 2017 terá como tema “Vivenciando a Mensagens da Fonte Viva”. Tanto o tema da RGA quanto o tema dos módulos surgiram inspiração da equipe organizadora nas cartas e epístolas de Paulo de Tarso. Assim como foi este ano, as equipes de apoio irão preparar a estrutura dos módulos e irão repassar às equipes de RGA de cada Polo (que poderão acrescentar algo, caso pertinente). Continuam seis módulos tradicionais e um módulo especial. Polos também continuam com a mesma constituição (de regionais). Também já possuem todas as reuniões já agendadas.

Planejamento para o levantamento de dados da Aliança: Eduardo (Diretoria) relembra que precisamos dos dados das casas, através do cadastro, para realizarmos a composição das regionais e apresentarmos na AGI. Sempre há dificuldade no recebimento dos dados por parte da Secretaria, que cobra bastante os coordenadores regionais (são intermediários no processo), que por sua vez dependem das informações das casas. Os dados alimentam outras informações (da Secretaria, do site da Aliança, por exemplo). O trabalho de apoio que o CGI irá realizar (através das visitas nas casas) durante os próximos dois anos pode ajudar bastante os coordenadores regionais, no tocante a sensibilizar as casas em relação aos pedidos de informações. Assim, no futuro, o censo não será apenas uma quantificação, mas poderá medir também a percepção de qualidade de algumas coisas. Um censo bem feito irá medir quantidades, que poderão indicar tendências para o futuro (envelhecimento dos trabalhadores, aumento ou diminuição da quantidade de passagens iniciando na Evangelização Infantil até a EAE). Precisamos buscar formar o hábito de retornar a informação solicitada. A elaboração de um planejamento da Aliança depende destas informações, e estas dependem de uma postura dos voluntários. Precisamos nos ajudar para adquirir este hábito.

Andamento das atividades da AEE do Futuro: Eduardo (Diretoria) relembra que precisamos saber onde estamos para saber onde queremos chegar. Imaginamos que a Aliança no futuro continue servindo através da sementeira de caminhos de desenvolvimento espiritual das pessoas. Para que ela continue nesta realização, precisamos saber que algumas dificuldades nos aguardam, que devemos ter atenção para com algumas tendências de comportamento, e também sentir o quanto precisamos nos ajudar. Foi pensando nisso que o CGI designou um grupo de conselheiros para reuniões mensais com intuito de trocar ideias e percepções sobre a Aliança no Futuro. Após quinze reuniões, o grupo chegou ao fortalecimento do conceito de Iniciação Espiritual. Lembrou que este tópico não é novo, mas era um dos quatro itens do PEE (Planejamento Estratégico Espiritual), nos anos de 2007 e 2008. É um conceito que pode ter reflexos nos diversos trabalhos realizados hoje. No final das contas, a casa espírita é uma ferramenta, uma “engrenagem”, e o que importa é as pessoas se melhorarem. A casa é importante, mas não é o fundamento. As pessoas são o fundamento. Hoje cuidamos bem da Iniciação Espiritual, quando, no primeiro grau, as ideias são claras (compromisso com olhar para si mesmo) e no segundo grau, as condições são claras (oportunidades de servir e relacionamento fraterno). Mas no terceiro grau, estamos bem até a “porta” (ingresso da FDJ). Após ela, não há muito claro para o discípulo o que pode ser feito, sendo que, efetivamente, é este o momento mais importante. No fundo, o terceiro grau é realizar tanto os compromissos do primeiro grau (mas sem alguém entregar o programa pronto) quanto os compromissos do segundo grau (mas sem alguém entregar o trabalho pronto, como no caso do servidor, quando inicia o trabalho na assistência espiritual, por exemplo). É essencial, então, que a questão da Iniciação Espiritual seja levada ao terceiro grau. Esta é uma das características da Escola Continuada, que propõe aos discípulos a reunião como em um “ambiente de EAE”, mas sem o programa ou o trabalho pronto, sendo isto um dever do discípulo participante. Finalizou fazendo novamente o convite à participação na reunião da Aliança do Futuro.

Apoio ao Exterior: Dagmar (CEAE Manchester) inicia comentando sobre as atividades em Edmonton (Canadá). Estão na sexta aula. Alguns alunos não são espíritas. Alguns deles são cientistas em suas atividades profissionais. Contaram para eles a Parábola da Prisão. Em Tampa, na Flórida (EUA), o Alan está trabalhando com a Evangelização Infantil e a Mocidade. Ele havia passado por Winnipeg (Canadá) e, por lá, algumas pessoas entraram em contato querendo saber mais como iniciar uma EAE. No México, há um grupo que iniciou o Curso Básico. Eduardo (Diretoria) pontua sobre o crescimento recente de atividades na América do Norte. Lembrou de uma casa em Atlanta (EUA), em 1996, mas que não sabíamos ainda como dar apoio a distância, e a casa se desligou. Percebe que as vezes não valorizamos uma riqueza que temos: estarmos perto uns dos outros. Pediu também ao CGI, caso alguém conheça voluntários que possam ajudar na tradução dos livros para o inglês, que entrasse em contato com a Secretária.

Encerramento: Eduardo (Diretoria) finaliza pedindo que façamos uma avaliação informal sobre esta reunião e que compartilhemos entres nós. Discorreu também sobre o momento atual do Brasil, notadamente no campo político. Tem certeza de que nós todos, mesmo no meio do turbilhão de acontecimentos, temos condições e recursos de manter o senso do valor espiritual das coisas. Resistir às pressões da materialidade nestes momentos é difícil, mas todos temos condições. Somos testados a todos os momentos. É uma oportunidade para testarmos se acreditamos nas coisas por nós mesmos. Podemos cuidar do nosso caminhar espiritual. Vamos fazer o compromisso que temos conosco mesmo: cuidar para não se desequilibrar; cuidar para não perder a fé; cuidar para não se deixar arrastar por opiniões e forças de argumentação, que, no final das contas, não contribuem com nossa mudança interna. Lembrar que os espíritos diziam à Kardec que a encarnação é uma oportunidade para nos melhorarmos. Não jogar fora esta oportunidade para depois entendermos que perdemos tempo. Nós que conhecemos e experimentamos um processo de desenvolvimento espiritual nas nossas vidas (como alunos, como aprendizes, como servidores, como discípulos), temos uma ótima oportunidade de nos melhorarmos. Se melhorar é o mais importante, não querer melhorar o “vizinho”. Se não esquecermos disso no meio de todo este turbilhão, iremos conservar aquilo que realmente é essencial. Sem outros assuntos a tratar, a reunião foi encerrada às 18h15.

São Paulo, 19 de março de 2016.

Aliança Espírita Evangélica